SEANCE 5-Intextualidade no filme Tabu de Miguel Gomes

* CE B2 : Je peux lire des articles et des rapports sur des questions contemporaines dans lesquels les auteurs adoptent une attitude particulière ou un certain point de vue.
* CE C1 : Je peux comprendre des textes factuels ou littéraires longs et complexes et en apprécier les différences de style.

Activités

1-Leia os dois artigos, qual dos dois faz referência direta ao filme Tabu de Migurel Gomes ?Justifique indicando as linhas adequadas.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

2-Quais são os elementos do documento 1 que podem ser aplicados ao filme Tabu ?Justifique com o texto.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

3-Faça a tradução do extrato seguinte:

“Quando as suas personagens vêem animais nas nuvens, quando o romantismo o disputa ao barroco, quando é um crocodilo que conduz a narrativa, Gomes assume esta filiação crítica. Na primeira parte, o passado parece tabu: regressa em força como mito na segunda. Só assim, a exemplo de Miguel Gomes, escavando nos nossos imaginários, se poderão finalmente fazer filmes em vez de estarmos eternamente a inventar filmes sobre o nosso passado e sobre nós próprios.”

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

4-Explique em francês o extrato seguinte:

“As décadas se passaram, a tecnologia se desenvolveu e, hoje, os filmes são cada vez mais realistas e cheios de efeitos especiais. Porém, uma tendência que pode ser observada em produções do século XXI são os filmes em preto e branco. Falta de opção? muito pelo contrário! Essa escolha coloca na tela elementos que ajudam a contar a história e provocar as emoções e sensações pretendidas no telespectador.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

Documento 1-

15 DE MARÇO DE 2021

Nova tendência no cinema: filmes em preto e branco. Por quê?

Filme em preto e branco nos remete aos grandes clássicos do cinema, numa época onde filmar colorido era simplesmente fora da realidade.

As décadas se passaram, a tecnologia se desenvolveu e, hoje, os filmes são cada vez mais realistas e cheios de efeitos especiais. Porém, uma tendência que pode ser observada em produções do século XXI são os filmes em preto e branco. Falta de opção? muito pelo contrário! Essa escolha coloca na tela elementos que ajudam a contar a história e provocar as emoções e sensações pretendidas no telespectador.

Ficou curioso? Veja 3 motivos pelos quais você pode apostar em um filme em preto e branco.

**1-Fazer uma viagem no tempo diretamente para o cinema clássico**

O filme *Passing,* de Rebecca Hall, é uma adaptação da obra de Neila Larsen de 1929. A história é sobre duas mulheres negras que poderiam ser até vistas como brancas, mas acabaram vivendo em lados opostos em relação aos desafio da questão racial.

A escolha de fazer um filme em preto e branco, além de escolher o formato 4:3, teve um propósito estético e um conceitual. A estética clássica traz um contraponto ao colocar duas mulheres de raça mista como protagonistas, algo que nunca se veria em um filme dos anos 20 nos Estados Unidos. Do ponto de vista conceitual, como o filme aborda o colorismo, o P&B tira todas as cores e coloca tudo em uma mesma escala, deixando a questão mais em evidência ainda.

**2-Dar foco a um personagem**

Tirar todas as cores do filme ajuda a tirar parte da distração também, conferindo maior foco ao que se pretende. No caso do filme *The Dog Who Wouldn’t Be Quiet*, de Ana Katz, que conta uma história surreal de um mundo pós-pandemia, a ideia era colocar toda a atenção no personagem principal, deixar a narrativa mais íntima e sem distrações.

**3-Economizar verba**

Pode parece irrelevante, mas um filme colorido acrescenta maior custo e tempo no pós-produção do que um material em preto e branco. Ainda, se cores é mais fácil disfarçar qualquer diferença entre cenários, maquiagem e até figurino. Entre os principais motivos para Amalia Ulman ter escolhido fazer a comédia *El Planeta* em preto e branco estava o baixo orçamento disponível.

[Nova tendência no cinema: filmes em preto e branco. Por quê? (8milimetros.com.br)](https://www.8milimetros.com.br/nova-tendencia-no-cinema-filmes-em-preto-e-branco-por-que/#:~:text=Por%C3%A9m%2C%20uma%20tend%C3%AAncia%20que%20pode%20ser%20observada%20em,provocar%20as%20emo%C3%A7%C3%B5es%20e%20sensa%C3%A7%C3%B5es%20pretendidas%20no%20telespectador.)

Documento 2-

## Tabu de Miguel Gomes

Ao cineasta português Miguel Gomes não falta ousadia para dar à sua terceira longa-metragem o título de um dos monumentos do cinema mudo. Mas a sua ousadia compreende-se quando se vêem simultaneamente a pertinência deste empréstimo e a qualidade do resultado. A sua pertinência consiste em trazer Murnau para nos falar hoje da perda em termos de cinema. Se o seu filme mergulha na nostalgia, não é seguramente para lamentar a colónia nem sequer para evocar a frustração amorosa, mas porque ligar as duas lhe permite falar da ambivalência das imagens. O resultado é magnífico porque esta experiência a preto e branco, tão desestabilizadora como envolvente, redesenha a nossa relação com o imaginário tanto da colónia como da relação amorosa.

Em Murnau (1931), a paixão que une nas paisagens paradisíacas de Bora-Bora o jovem pescador de pérolas Matahi e a bela Reri acabará tragicamente, dado que a sua aliança constitui tabu. Em boa lógica, o filme divide-se em duas partes: Paraiso e Paraíso perdido. Em Gomes (2012), as duas partes estão invertidas, unidas pela frase com que inicia Out of Africa (Sydney Pollack, 1985): «Eu tinha uma fazenda em África» As duas partes já não são a lógica de uma história dramática, mas dois períodos históricos postos em perspetiva: hoje e o tempo colonial. Elas são tratadas de forma diferente, adotando a parte colonial a forma de cinema mudo e a estética de Tarzan. Aí se descobre a narrativa apaixonada de Ventura, o amante de Aurora, a velha senhora rabugenta da primeira parte, que, na sua velhice, se encontra rodeada apenas por uma vizinha bondosa e uma criada caboverdiana tão dedicada quanto impassível. O nome de Aurora também não caiu do céu: Murnau consagrava Aurora (1927) ao poder trágico da sedução…

O que é maravilhoso em Tabu de Miguel Gomes, é que ele dispara em todos os sentidos, com uma alegre desenvoltura, mas também com uma notável mestria, pistas tão generosas que nos abre um reino onde nos acolhermos. As piscadelas de olho abundam, muitas vezes cheias de humor, sempre irónicas, em que o cliché é exacerbado para instaurar a ambiguidade: fazem apelo aos que nos tentam para dançar em coro uma valsa que não só pode ser saudade uma vez que o paraíso colonial não pode deixar de autodestruir-se de tal modo é falso. A nostalgia - muito real em todas as antigas potências coloniais - do tempo antigo, da paixão perdida, aparece-nos em toda a sua ambivalência porque Gomes faz-nos entender  que, para lá dos nossos discursos, ela não é só a sua, mas a nossa. A sua força está em nada denunciar para lhe restaurar a veracidade, e mais ainda a dor, porque lamentamos tão vivamente a perda do nosso imaginário de antigamente, o que fundava o nosso poder e a nossa glória imperial, o nosso arrogante e violento domínio do mundo. Se choramos esta perda é porque a nossa ingenuidade ainda está bem viva, que continua a fechar o Outro, o antigo colonizado, na exploração e no desprezo, à imagem da criada Santa (a criada santa).

Esta visão redutora e condescendente de uma África pseudo-paradisíaca, ainda a celebramos ao maravilharmo-nos com Out of Africa e todos os seus avatares de aventura e de exotismo em que o africano não é mais que um cenário, exatamente como  seguimos com voluptuosidade os amores incestuosos de Ventura e Aurora numa África de papelão. Gomes conduz-nos assim habilidosamente pelo terreno movediço das nossas visões pós-coloniais. Faz isso com uma liberdade impressionante, que é sua mas respeita a nossa, uma forma de afirmar a sua fé no cinema das origens, o de Murnau. Quando as suas personagens vêem animais nas nuvens, quando o romantismo o disputa ao barroco, quando é um crocodilo que conduz a narrativa, Gomes assume esta filiação crítica. Na primeira parte, o passado parece tabu: regressa em força como mito na segunda. Só assim, a exemplo de Miguel Gomes, escavando nos nossos imaginários, se poderão finalmente fazer filmes em vez de estarmos eternamente a inventar filmes sobre o nosso passado e sobre nós próprios.

publicado originalmente no site[***Africultures***](http://www.africultures.com/php/index.php?nav=article&no=11174)Translation:  Maria José Cartaxo por [Olivier Barlet](https://www.buala.org/pt/autor/olivier-barlet) [Afroscreen](https://www.buala.org/pt/afroscreen) | 12 Dezembro 2012 |  <https://www.buala.org/pt/afroscreen/tabu-de-miguel-gomes>